



AS DUAS MÃES

Ilustração
PORTUGUEZA

06 Lisboa, 1 de Janeiro de 1912

NATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑIA:

48800—Semestre, 24400—Trimestre, 12200

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Com-
posição e Impressão: RUA DO SECTULO, 43



Os conselhos do dr. Fried

(4.º)

(DE PAE PARA FILHO)

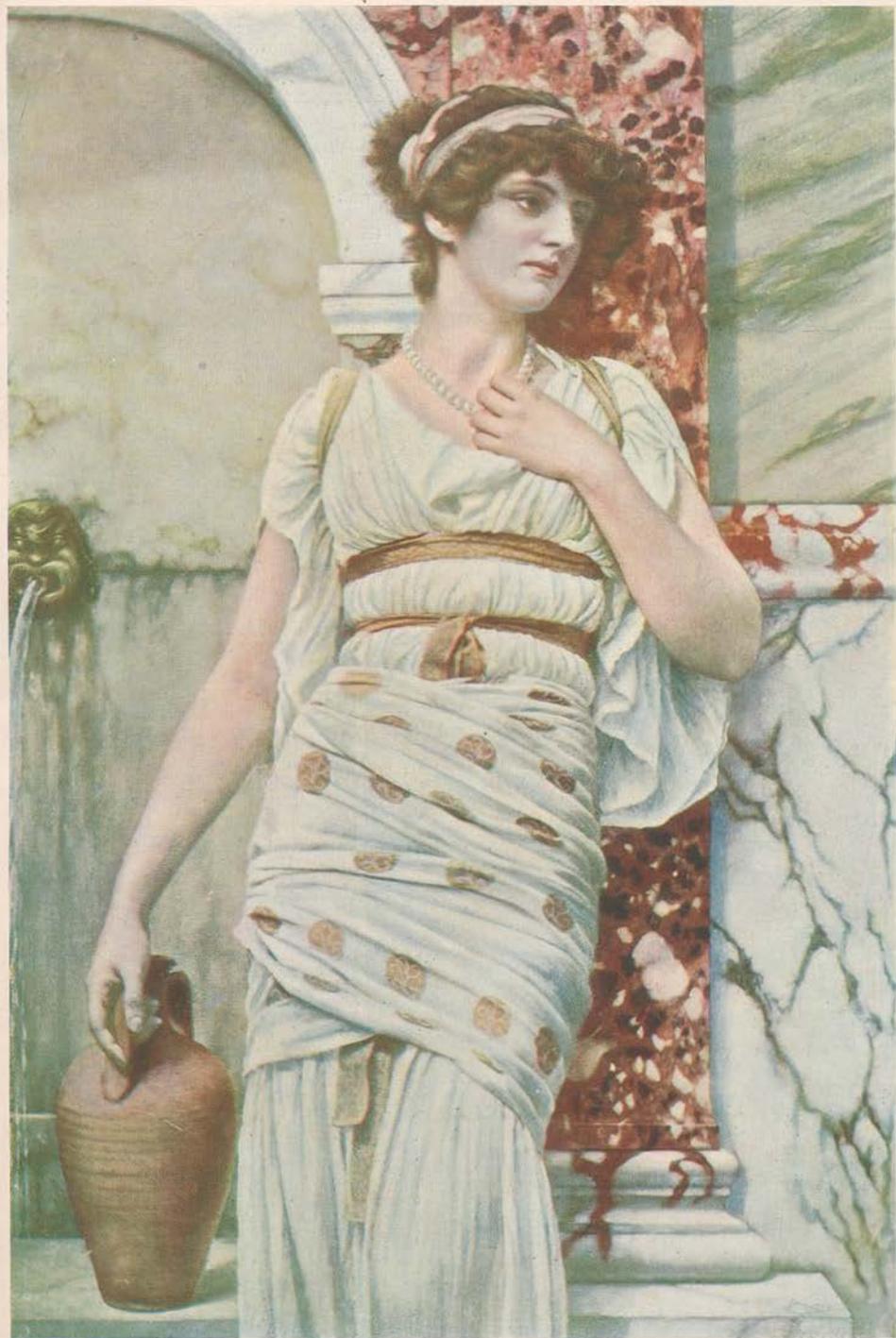
OUVE AGORA, MEU FILHO, ESTE CONSELHO: NUNCA, SEJA ONDE FOR, TE ESQUEÇAS DE TRAZER COMTIGO ÒS



COMPRIMIDOS "BAYER" DE ASPIRINA

POIS QUE É UM MEDICAMENTO PRECIOSO QUE, POR COMPLETO, CURA: DORES DE CABEÇA E DE DENTES, NEURALGIAS, CONSTIPAÇÕES. ETC.

QUEM VIÁJA DEVE SEMPRE TRAZEL-OS COMSIGO. E, SE POR ACASO, SE ACABAREM, PÓDE SEMPRE OBTEL-OS, PORQUE EM TODO O MUNDO SE ENCONTRAM.

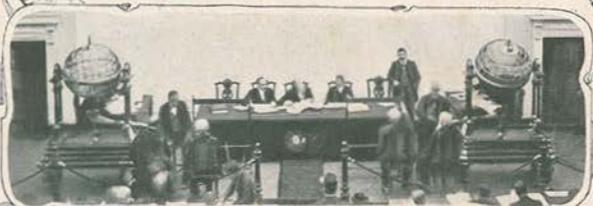


NOEMIA

A LOTERIA DO NATAL

A loteria do Natal, que era de duzentos e quarenta contos de réis, teve a sua extração em 23 de dezembro, diante d'uma grande concorrência, na sala da Casa da Misericórdia de Lisboa.

O primeiro premio saiu no n.º 5:119, que foi comprado pela casa Levy, de Lourenço Marques. Os dois números premiados com trinta contos e cinco contos foram 1:216 e 5:113



1—A meza da presidencia do sorteio
2—A esfera da extração dos premios
3—No largo de S. Roque á espera da sorte grande (Clichés de Benoliel)



4—O publico do sorteio 5—O tesoureiro da Misericórdia, sr. Avelar Teles e o fiel da tesouraria, junto ao cofre onde está depositada a importância dos premios

a Indústria dos Perfumes



- 1—A colheita das rosas
- 2—A cidade de Grasse—A cidade das flores
- 3—O transporte das rosas para os depósitos

Grasse é um jardim; é mesmo a cidade florida dos Alpes Marítimos. Nos seus vales, nas suas encostas, crescem as flores, enquanto nas grandes fabricas que a povoam se vão tratando as industrias dos perfumes pelos mais modernos processos. E' a riqueza da cidade de Flora.

Na chapada violenta do sol n'esses verões em que a colheita é intensa, vê-se o mulherio, centenaes de mulheres quasi todas bonitas, colhendo as flores nas roseiras e nos jasmineiros, agachadas, apanhando as violetas que tapetam o chão, levando braçadas de junquinhos, de madresilvas, delirios, que as tornam assim mais belas e as perfumam. Andam assim todo o santo dia umas; as outras, no interior das oficinas, ajudam o fabri-



co. Primeiro trata-se de separar as pétalas das várias flores, depois da destilação para umas, a maceração para outras e ainda a infusão.

Mas a par d'essa colheita grande, feita nos jardins da cidade, ha ainda os particulares. Cada pessoa tem em Grasse o seu jardim. As creanças aprendem a cultival-os sob aquele ceu eternamente azul. Sobretudo os ro-



- 1—A maceração e cozedura das rosas
- 2—A colheita do jasmim
- 3—A limpeza das folhas verdes

seiras são tratados com um enorme cuidado, pois nas fabricas paga-se por cada kilo de pétalas dois francos e cin-



coenta, sendo ainda mais caras que as de flôr de laranjeira, que se pagam a franco por kilo.

Pomares verdejantes nas margens dos ribeiros mostram as suas lindas flôres que parecem de cêra e que são colhidas para perfumes, dando-se n'esta cidade de pomares o caso unico de não colher laranjas. Quando o inverno chega as fabricas teem o seu fornecimento feito. Toda a laboração se faz com uma grande intensidade sendo exportados os perfumes para todo o mundo.



1 e 2—A escolha das pétalas 3—A colheita das tuberosas



1—O transporte da colheita
2—A pesagem das flores

Uma linda mulher no ponto mais recuado do universo perfuma-se com a essência das rosas de Grasse, dos jasmims, dos lírios, dos cravos, e das mil e uma combinações que saem d'aquelas fabricas de reputação universal.

Ha tambem as casas onde se fabricam os perfumes raros, as que trabalham segundo as receitas dos perfumistas parisienses de reputação mundial. São verdadeiros laboratorios de alquimia, logares de segredos onde só o mestre penetra e cujos operarios desconhecem a composição d'essas essencias precio-



sas que
c u s t a m
m u i t o
c a r a s .

Grasse
l e m b r a
u m a
t e r r a
d ' a b e -
l h a s
q u e
v ã o
b u s -
c a r
a o
c a m -
p o ,
c o m
a s



1—A preparação do perfume
de jasmim em «écrans»
recobertos de cera.
que lhe absorve o aroma
2—A colheita das flores
de laranjeira 3— A flor trans-
portada em mercadoria

flôres, os sucos mar-
vilhosos com que se
perfuma o universo.
Sempre que se fala
d'uma d'essas essen-
cias singulares evoca-
se sem querer uma
linda rapariga no meio
d'aqueles campos
apertando consigo
um braçado de rosas, e
sorrindo, sob o eterno
céu azul da cidade
das flôres.



· A VISITA DE SUA EX.^{IA} O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA ·
· AO SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA ·

A exposição de pintura do ilustre artista Antonio Carneiro Junior, no salão da *Ilustração Portuguesa*, tem constituído um verdadeiro successo, sendo numerosos os visitantes e muitas as aquisições de quadros, entre os quaes ha alguns realmente notaveis.

O chefe do Estado visitou a exposição em vinte e dois de dezembro, acompanhado por seu filho e secretario par-

vento agitasse; n'um canto, vagamente, um pedacito do povoado, casinhas vermelhas que mais se adivinham do que se veem.

Diante de nós, no quadro, o mar, a maré cheia, a agua em toda a sua plenitude, verde sob o ceu azul, parecendo mover-se, parecendo vir, n'um galgão, a espraiair-se.

Foi este o quadro que o sr. dr. Ma-



O Presidente da Republica e o da «Ilustração

pintor Antonio Carneiro no salão Portuguesa»

(Cliché Benoliel)

ticular, detendo-se diante das telas, analisando os desenhos, trocando com o pintor as suas impressões, mostrando-se um apreciador da arte e acabando por comprar um quadro intitulado *Plenitude*, que é na verdade excelente de colorico, de verdade, d'uns grandes toques artisticos.

E' um trecho de mar em Leça; a onda verde encapela e franja-se de espuma, como um manto debruido de rendas que o

nuel d'Arriaga adquiriu, examinando depois atentamente outros trabalhos, alguns primorosos, d'essa exposição que consagra definitivamente os meritos já conhecidos d'esse singular artista que é Antonio Carneiro Junior.

A concorrência ao salão da *Ilustração Portuguesa* continúa sempre, tendo passado por ali tudo quanto ha de mais ilustre na sociedade portugueza.

A Modas

OS-QUE-ACRIAM-OS-QUE-ACRITICAM-
OS-QUE-LHE-OBEDECEM.

A tentação dos trapos! — A releição da Moda — Os seus sacerdotes e os seus devotos — Bismarck e a «rue de la Paix».

Ha tempos, em Lisboa, n'uma reunião de gente viajada, uma gentil creatura que então era, e não sei se voltará a ser ainda, a mais encantadora atriz da nossa terra, dizia-me, falando das atrações infinitas de Paris:

— Ah! os trapos! os trapos são uma tentação!

E as suas mãos delgadas faziam o gesto de amarranhar sedas, e os seus olhos vivos tinham a doçura d'um arminho semi-cerrando com arte um colônu. Porque os trapos de que falava Lucília (vá lá a indiscreção!) eram aqueles que as mãos d'uma Callot, d'uma Georgette ou d'uma Paquin recorram, dobram, sobrepõem, combinam, com os requintes d'uma fantasia sempre moça e que, farrapada

origem de tantas formas de trajar que hoje achamos belas e explicar o triunfo brilhante d'outras que nos parecem neste momento abomináveis, dizer como Redfern objetiva a sua teoria de mostrar quanto possível os corpos que o merecem e a que princípios a Paquin obedece quando um novo modelo sae das suas mãos prestigiosas, mostrar a logica e por vezes com mesinha razão das bruscas transições que nos espantam e contar, fase por fase, a genese de cada uma d'essas creações de maravilha que a mulher de Paris sabe exhibir e valorisar como ninguém — seria tarefa longa de mais para o espaço que me concede a *Illustração*. Seria, em suma, fazer a psicologia da



1—Examinando um modelo
2—Um salão de provas na casa
Doeuillet

de sedas, oiros e veludos que em tres mezes por fim se inutiliza, nem por isso deixam de ser as obras primas d'uma d'essas costureiras de genio, ou d'um Redfern, ou d'uns Marcial & Armand, ou d'um Doucet.

Tentar dizer o porquê da sedução que esses trapos inspiram, analisar a evolução da maneira como eles cobriram, ou descobriram, atravez dos tempos, corpos lindos de mulher, perscrutar a





1—O salão de provas na casa Marcial & Armand 2—A galeria de venda na casa Redfern

Moda, encarando-a em todos os seus aspectos. E tão vasto e tão complexo é o problema que outros teem gasto volumes a discuti-lo sem que tenham ainda dito tudo.

De resto, eu desadoro para coisas de tão delicada beleza, a analyse scientifica que tudo reduz a formulas e a principios, embriando a fantasia e proibindonos o consolo d'algumas inofensivas e amaveis illusões. Prefiro, n'isto, seguir as normas e ta fisicas dos velhos e bons tempos da Fé, e considerar a Moda como uma religião de que os grandes costureiros são os sacerdotes e os devotos fer-

vorosos todos nós. E não ha no Universo, ao começar d'este seculo cético e negativista, demolidor e hereje, uma religião que exerça um tão poderoso dominio sobre os homens. Reparem bem: não ha! E' vão todo o esforço dos que procuram resistir-lhe; é inutil a tentativa dos que querem prescrutar-lhe as intenções. «Porventura alguém sonha em pedir contas á Moda das suas fantasias?—dizia já Gerard de Nerval.—Ela é a Moda, e está respondido tudo. Apanha um pedaço de pano: é uma guarnição; deita-o fóra: é um farrapo. Muito felizes somos quando ela nos impõe apenas um ridiculo e não um incomodo; só uma frivolidade, não uma maçada.» Resmungamos algumas vezes, rimos outras, obedecemos sempre.

E não venham, em replica triunfante, com o argumento da saia-calção. Essa moda não venceu, não porque estivessemos pouco dispostos a acetal-a, apesar de tudo, mas porque os grandes costureiros a não quizeram impôr. Masculinizar o vestuario da mulher é diminuir a possibilidade de o sobre-carregar com adornos caros; uma *toilette de jupe-culotte* jámais poderia ter o preço que a *rue de la Paix* gosta de marcar nas suas creações. Uma moda que começa por ser barata, nasce na agonia, começa pelo fim.

D'essa religião da Moda, o Vaticano é Paris. Em cada estação aqui afluem os peregrinos do mundo inteiro. E' uma





Um recanto de salão na casa Callot Soeurs

hegemonia que ninguém pensa sequer em contestar-lhe. O proprio Bismarck, depois da guerra de 70, afirmou que nunca deixaria de encomendar em Paris os chapéus da princeza. Os exercitos germanicos podiam conquistar a Alsacia e a Lorena, atravessar a França, violar as salas nobres de Versailles, forçar as por-

tas de Paris; jámais o cetro da elegancia feminina cairia em suas mãos. E para a riqueza d'um paiz esse bastava. Colbert dizia que as modas são para a França o mesmo que para a Hespanha as minas do Perú.

A parisiense e a Moda—Como ela evita os grandes costureiros e divulga as suas creações

—A vida cara e o «superfluo indispensavel»

E' certo que 35 por cento das clien-

tes dos grandes costureiros da *rue de la Paix* são estrangeiras. A parisiense nem sempre, ou melhor dizendo, raras vezes pôde gastar com as suas *toilettes* aquilo que, queira ou não queira, uma cliente de Worth ou da Paquin. Não bastam um ou dois milhões de fortuna para que se possa, sem perigo, entrar n'um d'esses suntuosos casarões que, ás noites, ilumi-



Vestir e comer são quasi, pôde dizer-se, as despesas mínimas da parisiense. O peor são as outras,—a creada de quarto, a cabeleireira, a *manucure*, a *pedicure*, a maçagista, a medica, o perfumista, o joalheiro, o papelero, os figurinos, os teatros, as recepções, os chás, as patinagens, e uma infinidade mais de coisas que esqueço ou que ignoro e ás quaes se junta a



Uma

prova

nam, sobre a rua elegante, todas as janelas dos seus cinco e seis andares. Porque a vida de Paris é extremamente cara e impossível de viver-se fixando verbas, sem contar com o superfluo, como imprevisão, com o dia a dia miúdo, o despejar incessante de francos em que se vae, ao fim de cada ano, uma despesa colossal.

despesa respeitavel do *pourboire* que todos nos pedem, que ninguém dispensa, desde a *concirge* que nos entrega um telegrama, ao condutor do *tramway* que tem de nos dar de troco um *sou*. E' preciso economisar, custe o que custe. E a parisiense então vae aos grandes armazens ou procura costureiras modestas e colabora depois, pela sua memoria ou pelo seu



1—A galeria de Paquin

2—O camarim dos manequins

conselho, na *pastiche* dos modelos caros, que as *midinettes* são muitas vezes as primeiras a divulgar, reproduzindo em pano do mais pobre as criações que os mestres imaginosos conceberam em veludos volutuosos, divinas sedas e multidões de rendas espumantes. Os grandes costureiros ficam assim no seu papel de creadores, que é aquele em que a parisiense

mais os admira e quasi exclusivamente os aproveita. Eles lançam a moda. Os comerciantes de todo o mundo, que de seis em seis mezes os visitam, as ricas americanas que disputam a peso d'oiro os primores do seu genial engenho, bastam para sustentá-los em todo o seu esplendor. A parisiense divulgará depois essas fantasias que mais modestas mãos reali-





1—O atelier parisiense
2—A condução aos domicílios

saram e, nos seus corpos esveltos, nos seus gestos de graça maravilhosa, taes fantasias animam-se, vivem, são outra coisa de mais imprevisito e de mais belo, porque ella possui como ninguem a ciencia de as valorisar.

A «rue de la Paix» ás 7 — As "midinettes" humildes servidoras da Moda—Manequins, costureiras, caixeiras e "trottins"—A sua beleza, a sua virtude, a sua sorte...

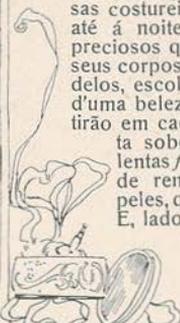
A's 7, a rue de la Paix, desde a rue Daunou á place Vendôme, oferece uma animação que não é aquella que lhe conhecem os que a frequentam depois do chá. Já se não veem os confortaveis autos, os coupés de luxo: as clientes desapareceram. São agora as operarias que saem, em bandos, dos *at liers*. São as costureiras, as caixeiras, os modelos, todo um mundo de servidoras da moda que se vê emfim á solta, sem a fregueza impertinente nem o patrão austero, após um dia inteiro de trabalho. São as *midinettes* que partem. E em poucas horas—devo confessal-o—se veem n'aquella rua elegante tantas mulheres lindas, d'uma beleza moça que pouco deve ainda ao *cold-cream*, mas já muito a essa arte de bem vestir que nasce com a parisiense e é de resto a quasi exclusiva preocupação da sua vida. E' preciso não exagerar e não dar credito áquella lenda sempre facil em propagar-se entre quantos de Paris só apercibem a vida dos prazeres dissolutos e das profissões inconfessaveis.





Nem todas essas encantadoras creaturinhas, lindas às vezes, elegantes sempre, pedem aos recursos das suas graças o meio de aumentar o míserimo salário que auferem no atelier. Sem duvida, muitas tem um amante de quem gostam ou que é rico e outras mesmo terão mais do que um. Mas entre elas muitas ha que são honestas e que o serão sempre, muitas ha para quem nunca terá de chegar o dia em que um príncipe mais ou menos russo as arrancará do trabalho d'esse atelier onde só voltarão em clientes, para vêr desfilar ante seus olhos triunfantes as companheiras a quem a fortuna não sorriu ou a desprezaram.

Nunca como n'esses casos a honestidade, voluntaria ou forçada, poderá dizer-se um heroismo ou uma tortura. As pequeninas mãos d'essas costureiras, desde a manhã até á noite, palpam os tecidos preciosos que jámais cobrirão os seus corpos de pobres; esses modelos, escolhidos entre creaturas d'uma beleza irrepreensível, vestirão em cada dia vezes sem conta soberbos vestidos, opulentas *fouresures*, obras-primas de rendas, sedas, veludos, peles, que nunca serão d'elas. E, lado a lado do luxo, sofrendo toda a sua sedução perturbadora, não tendo a bem dizer senão ele, du-



rante o dia inteiro ante os seus olhos ávidos e deslumbrados, vendo passar junto da sua miséria, aquelas a quem um dinheiro, que ninguém cuida de saber d'onde lhes veio, permite esse prazer que toda a mulher sente em que reparem n'ela e que a encontrem bela, quantas e quantas se sentirão com o direito de perguntar a si próprias, nos soliloquios das horas dolorosas da miséria, contemplando nas suas mãos cançadas os dois ou tres francos que são o ganho d'uma jornada inteira de trabalho, se acaso poderá ser um dever que uma religião ou uma moral vulneráveis lhes imponham essa vida de escravas em que a sua mocidade e a sua beleza se consomem e da qual só terão, n'uma prematura velhice, a recompensa d'um

de teatro e de amôr. Mas logo nos mostra de certo modo o reverso da medalha, contando o leilão a que assistiu, de um verdadeiro tesouro de joias, rendas e sedas que tinha pertencido a um dos ídolos parisienses, uma cortezá de alto coturno, «d'essas diante das quaes se inclinam os ministros e os bispos, d'essas que fazem reviver na nossa prosa ativa, uma suspeita da poesia do luxo e da volúpia das épocas melhores.» E escreve:

«Penosa coisa é, asseguro-lhes, assistir a uma d'essas vendas que, sem duvida por ironia se chamam voluntarias. Aquilo que foi escolhido com mais afeto, o que foi objeto de veementes desejos, o que fez a beleza do lar, vae-se, n'um abrir e fechar d'olhos, disperso aos quatro ventos pelas



O estabelecimento de Paquin na Rue de la Paix em Paris

mister mais aviltante ou da vida e da morte triste dos que não tem pão...

Eu bem sei, eu bem sei que nem sempre o caminho da aventura, incerto e caprichoso, dá a fortuna apetecida e que nem todas, morrendo aos vinte e cinco anos, como não ha muito a certa atrizita mundana succedeu, podem deixar como ela uns lindos quatro milhões, dois em pedras preciosas e os outros dois em títulos de renda. O sr. Gomez-Carrilho, no seu livro tão interessante sobre a *Psicologia da Moda*, confessa que é espantoso o que uma mulher nova e bonita, que não seja nem demasiado to'a nem demasiado séria, pôde ganhar aqui em alguns anos



marteladas dos pregoeiros. Quem mais dá leva o objeto que lhe agrada, sem ter mesmo tempo de amar o que leva e em que só o valor material o seduziu. Eu já vi um tinteiro, que pertencera a Flaubert, liquidado n'um d'esses leilões como *objeto de prata trabalhada*. Vi tambem, n'essas vendas, muitos relógios que marcaram para os seus proprietarios illustres momentos de angustia e de prazer; e muitas tapessarias que ornaram o gabinete de trabalho de homens celebres; e muitos quadros arrancados ás coleções dos mais nobres poetas e ninguém, regateando-os, se lembrou da origem d'eles. O santo fetichismo dos corações sensíveis que attribue mais valor

a um leque de papel tocado pelas mãos de madame de Pompadour que a um leque de rendas vindo d'uma loja, é coisa para que, em geral, o publico rico se está rindo. Quando se dispersam as coleções que artistas reuniram devemos chorar a morte d'alguma coisa de belo, de ideal.

«Mas não ha leilões mais tristes que aqueles em que rapaces joalheiros se disputam os despojos d'um idolo d'amor que vive ainda. Ah! se ele tivesse morrido, pouco importaria. Na religião da volupia, as capelas fecham-se no dia em que as imagens desaparecem. Mas quando o idolo emurhecido está ainda de pé! Quando o culto persiste!

seus pés bispos nem ministros e—não tendo mesmo a vantagem de ignorar as horas de triunfo brilhante das outras, triunfo em que por suas mãos colaboram—quando amanhã lhes fugirem a mocidade e a saúde não terão para vender nem oiros, nem sedas, nem brocados. Restar-lhes-ha a virtude; mas por essa ninguém dará um sou...

Não choremos porém por sua conta a triste condição de que elas proprias parecem não dar fé quando, de manhã, ao meio dia e das sete ás oito enchem Paris com a alegria soberba da sua formosura, da sua elegancia e da sua juventude. Se a solidariedade feminina pudesse ser um facto, eu só pediria



Já «coquette»...

E' uma coisa terrivel, digo-lhes eu. E a gente não pôde, vendo as joias, os enfeites, as melines, os brocados, os veus, as cambraias, deixar de evocar a recordação d'aquella que os possuia e que se vê despojada de tudo no instante em que de tudo mais precisaria, despojada da sua corôa de luxo e do seu cetro de ostentação, despojada do que aogava na luz as sombras da sua idade! E a figura evocada murmura tristemente: «No fundo, nós outras, os idolos do culto d'Eros, somos apenas o joujou doloroso do mundo. Os homens cobrem-nos de joias quando a flôr palpitante do nosso corpo bastaria para o nosso prestigio e, quando a flôr murcha, vem reclamar-nos essas folhas d'oiro de que eles proprios nos adornaram».

E' doloroso, sim. Mas essas pobres costureiras, manequins d'hontem, caixeiras ou creadas d'amanhã, não terão tido a

ás mulheres ricas e felizes para quem esse mundo de deserdadas trabalha o dia inteiro, que se lembrassem d'essas humildes creadoras do seu luxo, não para as invejar na sua beleza, mas para as proteger na sua desventura. A moda e os criticos—A saia-balão e o espartilho—Um dialogo eloquente—Um trecho de Abel Hermant—Uma definição

O que de mal se tem dito sobre a Moda e mais ainda sobre os que a ela se sacrificam! Perguntem-n'o á saia-balão, que a custo tenta reaparecer, assustada com o mal que dizem d'ela; perguntem-n'o ao espartilho, que tem sido um bombo de festa nas mãos de estetas e higienistas... Ainda ha pouco, n'um encantador e recente livro de pequenas observações filosoficas de mr. Emile Berr, encontrei um dialogo eloquente, que vou traduzir. É Sonia, a pretendida autora do livro quem fala:

«Tive hontem economistas a jantar. Conversação grave. Falou-se da despovoação. Porque parece certo que a França se despovoa. Delbon cita algarismos que me aterraram. E acrescenta:

«A situação é grave. E a minha cara amiga é d'isso uma prova viva.

«Eu?

«Sim, sim! Estou agora mesmo a olhar para a sua *toilette*: a especie de baihna, aliás linda, que lhe modela o busto. Porventura pôde vestir sózinha esse vestido?

«Mas não é possível, meu caro: ele acolchetea-se e abotoa-se por trás.

«Bem vejo. E' mesmo por isso que pergunto. Então alguém lhe apertou os botões e os colchetes?

«Claro! A minha creada de quarto.

«E se não tivesse creada de quarto?

«Pediria a ajuda de outra creada, ou de meu marido.

«E se não tivesse creada nem marido?

«Chamaria a minha *concierge*.

«Está bem... Mas se tivesse uma creança a quem precisasse de dar o peito varias vezes por dia?

«Fiquei atrapalhada e os convivas riram-se de mim.



quer dizer, de maneira a consternar o homem que tenha o menor senso da plastica ou simplesmente um conhecimento rudimentar da anatomia.»

Mas, para que nem tudo seja dizer mal, vae, para fecho esta bizarra e audaz definição:

«A Moda deve ser considerada como um sintoma de gosto do ideal sobrenadando no cerebro humano acima de tudo quanto a vida natural n'ele acumula de grosseiro, de terrestre e de imundo, como uma deformação sublime da natureza, ou antes, como um ensaio permanente e sucessivo de reforma da natureza.»

E' de Baudelaire.

Paris, Dez. de 1911. Paulo Osorio.

«N'esse caso, respondi ser-me-ia impossivel andar á moda...

«Ora veja, retorquiu Delbon, como os economistas têm motivos para estarinquietos. Que uma parisiense elegante possa querer ter filhos e amamental-os, tem o ar d'uma fantasia tão impossivel tão tola, que o costureiro nem sequer conta com ele!...»

Nas *Souvenirs du sicone de Courpière*, esse ironista cinico e implacavel que é mr. Abel Hermant diz, descrevendo uma das suas personagens: «Era uma bem bonita 'oira, oxigenada, vestida com elegancia e á moda,



O Auto da Barca do Inferno

As joias do teatro antigo portuguez teem sido pouco a pouco desenterradas do pó dos arquivos e postas na cena moderna, em ligeiras adaptações, por escriptores contemporaneos. Abriu o exemplo o *Auto do Rei Seleuco*. Agora, na festa artistica de Augusto Rosa, no Teatro da Republica, realisada em 18 de dezembro, foi o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente que se representou n'uma adaptação do illustre poeta Afonso Lopes Vieira.

É uma classica obra d'ironia em cuja primeira edição assim se descreve:

«Representa-se na obra seguinte huma perseguição sobre a rigorosa accusação que os inimigos fazem a todas as almas humanas no ponto que per morte os seus terrestres corpos se partem.



1—O poeta Afonso Lopes Vieira

2—O ator Augusto Rosa

3—A Barca do diabos: Augusto Rosa e Adellina Abranches na prancha:

Pina. Na Barca:

De pé, Sarmento e Carlos d'Oliveira. Sentados Chaby e Pinto Costa

E por tractar desta materia põe o auctor per figura que no dito momento ellas chegão a um profundo braço de mar onde estão dois bateis um d'elles pera a Gloria outro pera o Purgatorio. He repartida em tres partes, de cada embarcação hua scena. Esta primeira é a da viagem do Inferno»

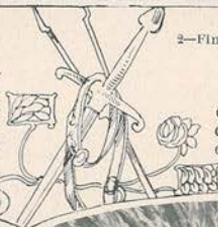
Este *Auto da Barca do Inferno* foi o que Afonso Lopes Vieira tratou com maestria e que Augusto Rosa, Chaby,





1—A barca do céu: Rafael Marques, Pimentel, Henrique Alves, Aura Abranches

Henrique Alves, Alexandre d'Azevedo, Pinto Costa, Carlos d'Oliveira, Sarmento, Adelina e Aura Abranches d'uma maneira brilhante interpretaram com um grande agrado



2—Final do auto: Augusto Rosa, Pimentel, Rafael Marques e Alves 2—Na barca: Pina, Sarmento, Adelina Abranches, Chaby e Carlos d'Oliveira (Clichés de Benoliel)

do publico. Augusto Pina fez um cenario apropriado para essa obra do fundador do teatro portuguez.



TEMPORAL EM LISBOA.

Uma chuva torrencial, que durou desde a meia noite de 19 de dezembro até 21 de dezembro, inundou varios logares de Lisboa e arrabaldes tendo causado os maiores estragos em Alcantara, no Cruzeiro d'Ajuda, no Rego e em Bemfica.



- 1—No recanto das Fontainhas em Alcantara
- 2—Na rua Cascas, em Alcantara
- 3—A inundação em Palmavá
- 4—Na estrada de Bemfica
- 5—No Campo Grande (Clichés de Benolie)

A agua chegou a atingir um metro d'altura junto á linha ferrea d'Alcantara-terra e sendo enormes as inundações e grandes os prejuizos sobretudo em casas terreas habitadas por gente pobre.

Em Chelas, Alhandra, Vila Franca, Azambuja, Rio Maior, Torres Novas e Caparica houve cheias tendo tambem engrossado imenso o rio Douro.

A DISTRIBUIÇÃO DE RECOMPENSAS DO INSTITUTO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS

O Instituto de Socorros a Naufragos é uma benemerita agremiação cujo fim é premiar os indivíduos devotados que praticam atos de salvamento. Este ano foram agraciados com a medalha de cobre e com o diploma varias pessoas destacando-se entre elas o menor Antonio Alves de Azevedo, de 13 anos, que com risco da vida salvou quatro naufragos. A este pequeno heroe foi entregue, com a medalha respectiva, a inscrição de 100\$000 réis do legado do sr. visconde da Lançada.

A distribuição dos premios realisou-se na Sociedade Geographica sob a presidencia do ministro da marinha secretariado pelo almirante sr. Ferreira do Amaral e capitão de mar e guerra Hipacio de Brion, com a assistencia de numerosas senhoras estando



1—A leitura do relatorio pelo sr. capitão de mar e guerra Hipacio de Brion 2—Antonio Alves de Azevedo, de 13 anos, que salvou em Massareto duas creanças

entre elas a esposa do chefe do Estado. O ministro no seu discurso, depois de saudar os heroes, declarou que a nossa costa era conhecida pela costa negra mas que ele faria todo o possivel para a tornar luminosa e hospitaleira completando a sua rede de socorros.

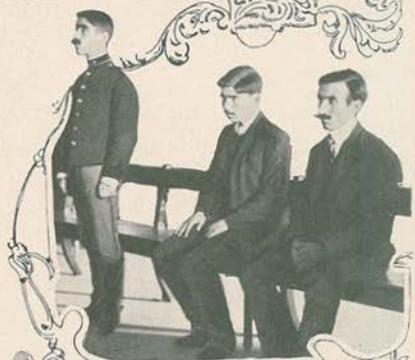


3—Os salvadores de naufragos premiados pelo Instituto (Clichés de Benollet)

NO TRIBUNAL DAS TRINAS.



- 1—Os réus João Batista Salgado, João Manuel Inácio, Francisco Santos e Francisco Manuel, absolvidos na audiência do dia 16
- 2—O advogado dos réus, dr. Madeira Pinto
- 3—Os réus soldado Custodio Guerreiro, absolvido, Eugenio Augusto da Silva, absolvido, e Antonio Ribas condenado a 20 anos de degredo na audiência do dia 18. 4—Os advogados sr. dr. Jaime Arnaud e Dufner
- 5—O réu José Gonçalves Nunes Duarte, absolvido na audiência do dia 19



6—O delegado dr. Miguel Tobim de Carvalho

(Clichés de Benoitel)





1—Vestido de «soirée» da casa Boyer 2—Modelo da casa Bernard para a atriz Simone



1—Vestido de teatro da casa Drecol
2—Modelo da casa Paquin

A *Ilustração Portuguesa* oferece hoje ás suas leitoras estes excelentes figurinos da ultima moda parisiense que constituem modelos cheios de encanto e de graça, trabalhos dos costureiros francezes de reputação mundial que são os verdadeiros arbitros da elegancia feminina.

O Leque de Flores Naturaes

Paris inventou agora o mais formoso dos leques: é o leque efemero. Dura o que duram as flores, porque é formado por elas.

Uma armação de leque vulgar com umas belas fitas da côr preferida, uns bouquets que se lhe ligam e aqui está como o ar se embalsama e como n'uma linda mão surge o leque.

Todos os dias se dissipam milhares de francos n'este adorno da mulher, que vem do fundo da antiguidade, nas mais variadas fórmãs e que obteve agora a mais perfeita. E' um leque sempre novo e sempre original; é até symbolico, fala a linguagem dos amores, falando o mais belo dos idiomas: o que as flôres exprimem.

Assim, nos dias em que o amor sorri, serão as rosas lindas que engalanarão as varetas do leque; quando ha um



1—Leque de violetas de Parma e cravos



2—O mesmo leque aberto
3—O leque de narcisos

d'esses vagos pezares, uma saudade, um abatimento, as camelias dirão dos desfalecimentos das almas; para a mais funda tristeza as violetas.

E' o que se imagina; é o que se pôde deprender d'essa fórma ori-



ginal de engalanar o leque. Não su-
 derá, porém, assim, porque a mulher
 gosta pouco de se revelar, mais ama
 que a adivinhem e, por consequencia,
 terá o cuidado de occultar bem
 o pensamento como occulta o
 sorriso por traz d'esse objecto
 que, na sua mão, é já
 por si como um mi-
 nuscuro biomo-
 bo de miste-
 rios.

Nos teatros,

que, muitas vezes, não serão tão belos
 de ver como os que a *midinette* mane-
 jará—modesto, pobre,—nos dias das suas
 festas, quando ella arvora o seu melhor sor-
 riso meio velado,
 meio occulto pelo
 leque de dois
 sous.

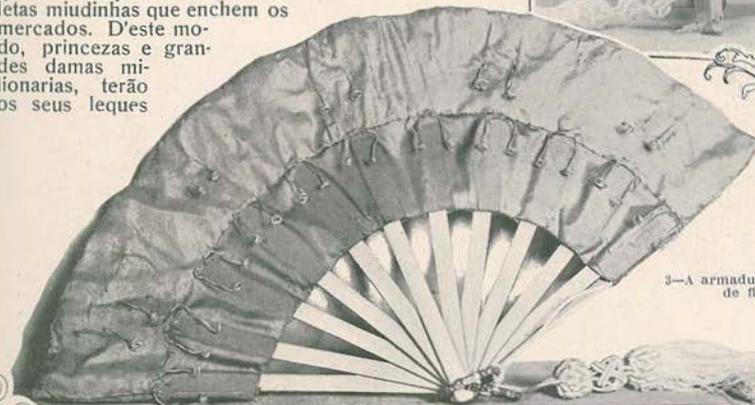


1—O leque de narcisos
 2—O leque de rosas, lilazes e mimosas

á noite, á luz da electricidade, esses formosos ros-
 tos mais belos são ainda na especie de moldura de
 galas que essas flôres em torno d'elles formam e
 mais interessantes os bustos femininos se aiteam
 quando sobre elles pousam os ramilhetes que, sendo
 um adorno, são tambem uma utilidade, que sendo
 uma maravilha, um mimo, uma graça, são os sub-
 stitutos garridos do leque vulgar. Paris atirou esse
 leque á circulação e assim como os havia para
 todos os preços, desde o de rendas preciosas, que fica-
 vam em herança nas familias, até ás vulgares venta-
 rolas de papel, tambem os ha que custam milhares
 de francos feitos com flôres raras e os modestos, os
 que são compostos com as vio-
 letas miudinhas que enchem os
 mercados. D'este mo-
 do, princezas e gran-
 des damas mi-
 lionarias, terão
 os seus leques



3—A armadura do leque
 de flôres

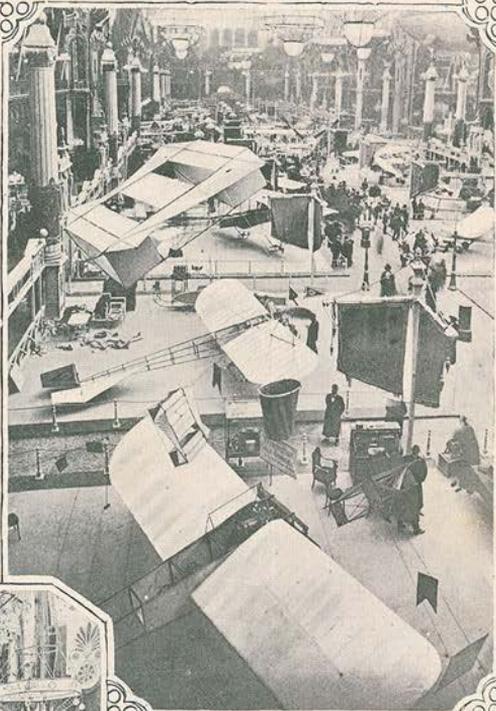


A EXPOSIÇÃO DA LOCOMOÇÃO AÉRIA EM PARIS.

A aviação, essa maravilha do nosso século, tem já a sua exposição. Ali se consagra o sonho tornado realidade, ali se mostram todos os tentames feitos para este final que lembra um milagre de ha muito apeteido e só agora realizado.

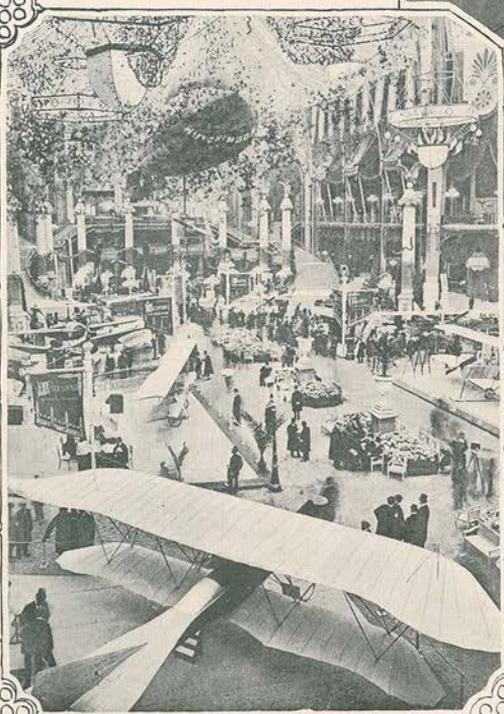
E' no Grand Palais, um salão especial, enorme, alto, cheio de arcarias e no qual estão todos os modelos até hoje conhecidos d'estes aparelhos, desde os mais fortes, os de maior resistencia aos brinquedos, desde os celebres, os que fizeram largos vôos por sobre as cadeaes, atravez dos espaços, ciumiando os montes até aos de maior nomeada. A par d'isto aparecem então os helices, os motores, os novos engenhos, todas as coisas que se applicam á aviação, todas as maquinas onde se inscrevem os nomes dos mais famosos aviadores.

A imprensa franceza celebrou ruidosamente esse certamen curioso com que consagra a sua vitoria mo-



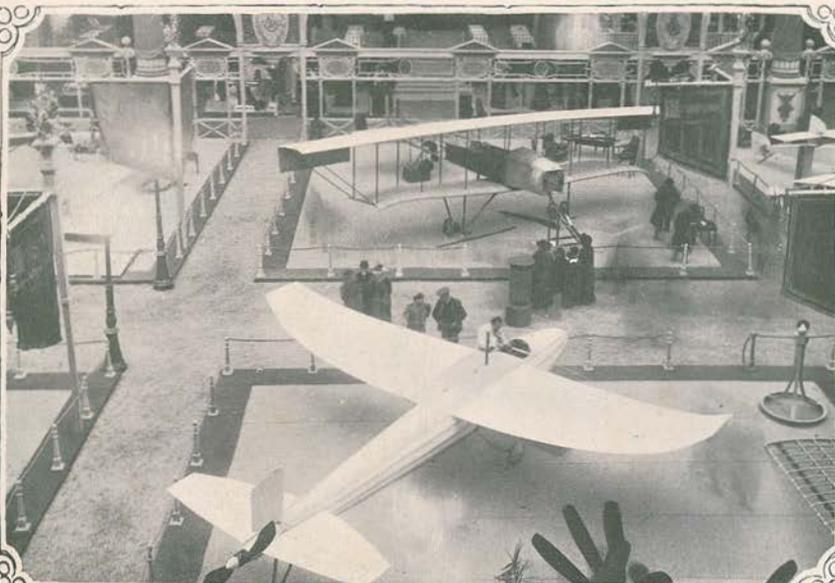
1—Um aspecto da exposição
na nave central
do «Grand Palais»
2—Os «Stands»

3—Um outro aspecto da exposição



derna, n'essa conquista dos ares, a ponto d'um escritor declarar que o pimpante galo gaulez já tem o seu substituto: a ave mecanica que cruza nos espaços: o aeroplano.

Com efeito a França impôz-se com a aviação n'uma vitoria ruidosa sobre os outros povos e aquela exposição de aparelhos é como



1—O torpedeiro aereo
de Paulhan

2—As maquinas de voar
(Clichés Dellus)



um museu cheio de trofeus gloriosos a evocar os nomes dos arrojados navegadores dos ares que atravessaram a Mancha e fizeram as travessias por sobre as aguias vivas dos Pyreneus em direção á Hespanha, por sobre as aguias mortas dos monumentos para Turim, Napoles, Roma.

Todas as casas constructoras francezas enviaram specimens dos seus aparelhos constituindo o mais completo certamen d'essa nova industria nacional.

Essa exposiçào do Grand Palais, com todo o seu lado utilitario, é um tempo erguido ao arrojto. Parece dizer e mostrar quanto pôde o genio humano, evocar audacias e milagres.



• DIZÊRES DO POVO •
• VERSOS DE ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA •

O novo e encantador livro do ilustre poeta Antonio Correia d'Oliveira, chama-se *Dizêres do Povo* e são realmente adágios, que andam nas bocas populares, que o poeta n'ele exprimiu deixando-lhes as suas verdades engastando-os na doçura simplista dos seus lindos versos.

São algumas das belas quadras do novo trabalho do autor do *Auto do Fim do Dia*, da *Raiz*, das *Parabolas*, da *Tentação de S. Frei Gil* e d'outras obras primas que para esta pagina transcrevemos:

— *Quem tem filhos tem cadilhos,
Tem-nos quem os não tiver.—
Quem tem filhos ainda vive
Mesmo depois de morrer.*

— *Amôr com amôr se paga.—
Mas que virtude a do amôr!
E' das pagas que recebe
Que se julga devedor.*

— *Quem tudo quer, tudo perde.—
Palavras que eu não direi:
Achei-te, quiz-te, quizes-te:
Eu tudo quiz, tudo achei.*

— *A alegria que se esconde
Lembra a cadeia apagada.—
Nem a si mesma se enxerga,
Não chama quem vae na estrada.*

— *Quem espera, sempre alcança.—
Puz-me a esperar: alcançei
O engano de ir esperando
Um bem que não encontrei.*

— *Nem tudo o que luz é ouro.—
A's vezes o riso é magua...
Quantos olhos de tristeza
Parecem fogo e são agua!*

— *Muito abarcas, pouco abraças.—
Sem véla que importa um rumo?
Vê que não deixes a chama
E cõrras atraz do fumo.*

— *Quem boa cama fizer,
N'ela se deita algum dia.—
Fiz boa cama á Tristeza:
Deitou-se n'ela a Alegria!*

— *Faze o bem e fecha os olhos:
Fecha-os, não olhes a quem.—
Não vejas o mal dos outros,
Vejam os outros teu bem.*

— *Chega-te aos bons e serás
Um dos bons.—Depois de o sêres
Chama a ti os maus: e fal-os
Eguas a ti, se podêres.*

— *Agua mole em pedra dura
Desgasta-a, de noite e dia.—
Mais pôde alegre brandura
Do que dureza sombria.*

— *O que arde cura.—Talvez.
Mas a doçura tambem:
Se tens balsamo, não toques
Com ferro em braza em ninguem.*

— *Não ha bem que sempre dure,
Nem mal que possa aturar.—
Encontrei penas, cantaudo;
Fui-as perdendo, a chorar;*

— *Vento e veniura não duram,—
Não se deixam um momento:
Traz-nos o vento a ventura?
Venturas, leva-as o vento.*

— *Passa a nuvem, fica a chuva.—
Quando se chora por bem,
A dôr é nuvem: e as lagrimas
Regam a terra tambem.*

— *Dizem que o bem se conhece
Só quando a gente o perdeu.—
Triste de quem o não per.e
Porque nunca o conheceu!*

— *As paredes têm ouvidos.—
Murmuraes? Cuidado em vós!
Pense no que elas diriam,
Se tambem tivessem voz...*

— *Cordeirinho manso, em todas
E qualquer ovelha mama:—
Sempre o odio encontra o odio;
Quem ama encontra quem ama.*

— *O mal alheio não deve
Curar o mal de ninguem.—
Todo o bem que vem por mal
O mal o leva por bem...*

— *A Ambição nunca descança,—
Vôa, sobe, noite e dia:
Cansam, correndo atraz d'ela,
O Bem, a Paz, a Alegria.*

— *O mal alheio é um cabelo,—
Não peza a quem o não tem...
Quantos, com o mal alheio,
Seguram seu proprio bem!*

— *Quem se humilha mais se exalta.
Bem dita a agua rasteira
Que sobe ao céu, feita em nuvem;
Abre em rosas na roseira.*

— *Mais vale tarde que nunca.—
Medidas que o tempo tem:
Para o mal, é sempre cedo;
Nunca é tarde para o bem.*

O poeta
Correia

Antonio
d'Oliveira

FIGURAS E FACTOS



1—O sr. Presidente da Republica visitando o lactario da primeira infancia na Fundação
2—As mães premiadas
3—O sr. dr. Jorge Cld. medico do lactario (Clichés de Benollel)

O lactario da infancia.—O lactario da primeira infancia é um d'estes estabelecimentos necessarios n'uma cidade como Lisboa, onde ha muita mizeria, sendo indispensavel acudir ás creancinhas, cujas mães, exgotadas pelas privações e pelos trabalhos, não as podem amamentar.

Fundou-se, pois, essa instituição, collocaram-se á sua frente medicos distintos, inscreveram-se milhares de creanças para as quaes se fornece o leite em varios postos e na sede do lactario e os resultados colhidos tem sido os melhores, os mais dignos de nota.

O presidente da Republica foi na vespera do Natal visitar esse estabelecimento modelar, cuja sede é no largo da Fundação de Canhões e da sua visita trouxe as melhores impressões, vendo toda a grandeza e toda a utilidade d'aquella obra.



O Asilo da Ajuda.—E' um dos mais belos estabelecimentos de caridade e fica na calçada da Tapada, proximo das propriedades do sr. marquez d'ê Val Flôr, instalado n'um excelente edificio que tem uma linda capela e cujas janelas olham para um formoso jardim.

Ministra-se ali a instrução mais variada a muitas pequenitas que se habilitam para diferentes profissões, sendo, sob o ponto de vista pratico, o ensino domestico tão completo como o resto.



1—O governador civil de Lisboa, o provedor do Asilo da Ajuda e o professorado
2—As asiladas da Ajuda (Clichés de Benollel)

Ho pouco creou-se ali, á semelhança dos institutos congeneres, uma escola de cozinha, onde as educandas aprendem esses trabalhos, confeccionando os *menús*, arranjando-os, fazendo-lhes o seu orçamento como verdadeiras donas de casa. D'este modo, seguindo semelhantes e tão uteis processos, aquele instituto tem progredido sob uma acertada direcção. O actual provedor do Asilo é o sr. dr. Ramada Curto, que ali succedeu ao sr. Costa Pinto, um dos grandes benemeritos d'aquella estabelecimento de caridade.

Em 24 de dezembro o sr. governador civil de Lisboa visitou todas as instalações d'esse Asilo modelar, exprimindo d'uma forma bem accentuada a sua satisfação pelas provas a que assistiu.

Escola-Oficina n.º 1.—A *Ilustração Portuguesa* já publicou um artigo acerca d'esta escola, sustentada pela maçonaria, e onde o ensino é ministrado d'uma forma verdadeiramente racional. A creança não tem a obrigação moral de estar umas tantas horas sentada no mesmo lugar, de seguir o mesmo estudo, de se aplicar só n'uma coisa. Tem a liberdade de percorrer as aulas, de ir para as o-



A visita do sr. presidente da Republica á escola oficina da Graça

cinas trabalhar, de ir saltar e correr para o grande jardim da escola.

Imaginar-se-ha que semelhante sistema é contra-productivo, mas podemos afirmar que nunca vimos tanta aplicação em creanças, nem tão grandes resultados colhidos pelo ensino n'um curto espaço de tempo.

O chefe do Estado, que visitou a Escola-Oficina n.º 1 em 24 de dezembro, escreveu no livro dos visitantes quanto lhe fôra agradável a impressão recebida.



A comissão encarregada pelos povos da região de obter do ministro do Fomento a construção da linha ferrea do Entroncamento a Mirauda.—(Clíchés de Benoil)

A linha de Miranda.—As camaras municipaes de Arganil, Ceia, Alvaiazere, Goes, Oliveira do Hospital, Louzã, Certã, Penaia, Miranda do Corvo, Gouveia, Vila de Rei, Taboa, Pampilhosa, Figueiró, Ancião, Pedrogam, Condeixa e Tomar, enviaram a Lisboa os seus delegados que, conjuntamente com os deputados dos respectivos circulos, foram solicitar do ministro do fomento a construção da linha ferrea do Entroncamento a Miranda.

Esse melhoramento tem uma grande importancia e assim o compreendeu o ministro ao mandar estudar o traçado d'essa linha. A' comissão respondeu o sr. dr. Esteavam de Vasconcelos que, após a recepção do parecer da comissão encarregada d'aquelle trabalho, poria as obras do caminho de ferro a concurso.



O engenheiro José Augusto Prestes, presidente do Gremio Republicano Portuguez, do Rio de Janeiro. Escultura do notavel professor Rodolfo Bernardelli, director da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro

Coronel José Cesar Ferreira Gil.

E' o official disciplinador que comandava em Braga o regimento de infantaria 29 e que foi gravemente ferido por um tiro quando pretendia acalmar um tumulto da soldadesca indisciplinada.

A sua coragem e a sua bravura valeram-lhe essa agressão, mas tambem os respeito de todos que prezam a disciplina que ele nobremente quiz manter.



O coronel José Cezar Ferreira Gil, ferido por ocasião da insubordinação do regimento de infantaria 29



O capitão França novo director das cadeias civis de Lisboa

Capitão França Junior.

—As cadeias civis de Lisboa tem um novo director o capitão França Junior que, depois de ter durante to anos comandado uma compnhia da guarda municipal distintamente, serviu no corpo de policia até ao dia da revolução, sendo o seu ultimo trabalho importante realizado quando da expulsão dos frades da Aldeia da Ponte.